

2 A dimensão epistemológica do Google

Ao analisar sua função primeira, a pesquisa por *links*, pode-se inferir que o Google lida apenas com um universo informacional de produção externa à ferramenta e, dessa forma, não possui papel epistemológico nem exerce ingerência sobre as estruturas contemporâneas de elaboração dos saberes. Embora essa constatação seja parcialmente procedente, ela só é inteiramente verdadeira se for presumido que o Google possui neutralidade no momento em que faz a seleção dos resultados que serão apresentados aos usuários. Uma argumentação de difícil defesa, uma vez que pequenas decisões associadas ao algoritmo de busca são capazes de gerar deformidades nas amostras de documentos disponíveis, por mudarem os privilégios atribuídos a determinados agrupamentos informacionais.

“Toda ferramenta tecnológica carrega consigo um viés ideológico que predispõe uma construção de mundo específica, a valorização de certas coisas mais que outras” (BRAGA, 2007, p. 8). Quando o Google opta, por exemplo, por elevar o posicionamento das páginas que possuem conteúdo original, ele está automaticamente reduzindo a importância de *sites* que trabalham como agregadores de dados sobre um tópico específico. De maneira análoga, à medida que a empresa adota a popularidade como um dos fatores de maior peso na concepção de relevância da busca, os resultados apresentados passam a ter contornos que favorecem uma visão somente daquilo que é preponderante, reduzindo a probabilidade de coexistência de teorias e informações divergentes.

Ainda que o Google não produza conhecimento diretamente, sua extensa atuação como mediador do trânsito virtual faz com que ele seja um dos maiores agentes epistemológicos da atualidade. A oscilação de seus critérios de hierarquização dos resultados é responsável pela formulação de verdades a respeito dos objetos de nossa curiosidade. Discursos são validados ou rejeitados à medida que podem ou não ser facilmente encontrados no mecanismo de busca.

Torna-se imperativo, portanto, um entendimento de quais são os processos inerentes a essa atuação do Google como sujeito ativo do processo de constituição

do conhecimento, com especial atenção às qualidades do recorte informacional produzido.

2.1. Historicidade dos resultados

Quando a atenção é direcionada aos aspectos formais do processo de busca da ferramenta, o que vêm de imediato à superfície é o caráter conjectural dos resultados apresentados. As páginas sugeridas pelo sistema são selecionadas dentre um universo inimaginável de documentos presentes na *Web*, atualizados em tempo real para que nenhuma informação recentemente inserida na esfera virtual seja negligenciada no processo de seleção. Mais que isso, aproximadamente 200 critérios de filtragem, que são constantemente aperfeiçoados pela empresa, são empregados na construção da hierarquia de relevância dos resultados (Google, 2013).

O que é buscado no Google hoje às 13h00, por exemplo, pode e provavelmente não será um reflexo perfeito daquilo apresentado algumas horas mais tarde. Por mais que as mesmas palavras-chave sejam utilizadas e que se tente replicar as mesmas condições anteriores, o universo de conhecimento disponível mudou, bem como as relações de valor entre as informações indexadas pela ferramenta. Tem-se acesso somente a um recorte algorítmico definido com base em um ideal de relevância, naquele instante, sobre uma determinada matéria.

Pode-se encontrar no *modus operandi* do Google uma estreita aproximação com a ideia epistemológica de historicidade do conhecimento proposta por Bachelard. Para ele:

[A construção do saber] procede por [...] aproximações à verdade, em uma trajetória na qual cada nova conquista envolve a negação do momento precedente, do saber superado, mas preservado como aplicação limitada no campo geral destes novos saberes (CARVALHO, 2010, p. 113).

Nessa visão, dita histórica, as verdades científicas estão atreladas às questões contextuais de seu momento de criação.

Em oposição [...] à perspectiva de um ininterrupto e contínuo progresso do saber, Bachelard instaura a ótica de uma evolução epistemológica descontínua, através de

cortes teóricos bruscos [...], inversões, fraturas ou rupturas com concepções anteriores (CARVALHO, 2010, p. 113).

Apesar do Google lidar com uma abrangência de interesses que vai além do conteúdo científico analisado por Bachelard, é possível perceber que, durante sua utilização, cada nova solicitação de dados pode ser considerada uma ruptura com o espaço informacional delineado em momentos prévios. Seu dinamismo prevê uma reconstrução dos saberes, de modo a prover um reflexo constante do agrupamento de conhecimentos considerados válidos para um determinado grupo de palavras-chave, no contexto específico do espaço e tempo em que a busca foi efetuada. Um acréscimo na popularidade de um político, por exemplo, indica uma mudança na percepção de sua figura e, provavelmente, causará uma remodelagem do relevo de dados a seu respeito no Google. As opiniões anteriores cederão espaço para outras verdades, aproximadas, que estão sendo aceitas de forma preponderante nesse novo instante histórico. Diferente do que se supõe comumente, os resultados do mecanismo de busca, embora sejam reflexo de uma constante ampliação do universo amostral de informações, não apresentam necessariamente um aperfeiçoamento progressivo dos saberes a respeito de um determinado tópico.

2.2.

Resultados como reflexo das relações de poder

É comum encontrar uma ideia de objetividade pura e isenta de influências externas associada aos resultados apresentados pelo Google. Por ser dependente de processos computacionais e um complexo algoritmo matemático, torna-se fácil ater-se ao aspecto tecnicista da ferramenta e esquecer que ela está situada dentro de uma sociedade de produção de conhecimento, em que inúmeras disputas acontecem em torno da definição dos saberes dominantes.

Conforme as teorias de Foucault, os contornos dos saberes estão intimamente atrelados à história das relações de poder. À medida que a formação do conhecimento se vale do confronto entre as forças sociais interessadas em controlar as coisas, os homens e a própria natureza, seu resultado é sempre produto de dominação (Vilas Boas, 2002). Para ilustrar esse pensamento, pode-se citar a história do conceito de loucura. De maldição a doença mental, os

entendimentos de loucura passaram por diferentes construções dinâmicas indissociáveis das estruturas sociais com as quais coexistiram: família, igreja, justiça, hospital, etc (Vilas Boas, 2002).

Não é difícil encontrar no mercado de mecanismos de busca exemplos que ilustrem de forma nítida a ingerência de diferentes atores sociais na conformação dos resultados acessíveis aos consumidores. Na China, por exemplo, as companhias atuantes no ambiente da internet são obrigadas legalmente a suprimir uma vasta quantidade de informações, normalmente relacionadas a tópicos vagamente definidos como ameaças à segurança nacional, violência e pornografia (Qiu 1999/2000, apud Jiang, 2013). Uma amostra dessa censura é o buscador Baidu, detentor de 78% do mercado chinês, que torna 4,7% de seus resultados inacessíveis por, de alguma maneira, se enquadrarem nas classes de informações indesejadas pelo governo (Jiang, 2013). Mesmo ao considerar somente as corporações responsáveis pelos serviços de pesquisa on-line, é inegável que suas escolhas são potenciais causas de deformidades nos resultados ofertados. Google e Baidu apresentam, para os usuários na China, uma interseção de somente 6,8% dos seus resultados (Jiang, 2013). As variações de algoritmo e interesses comerciais das empresas criam uma extrema assimetria entre o universo de informações disponíveis.

Quando se expande a compreensão do Google como um agente pertencente a um contexto social que extrapola suas próprias fronteiras, pode-se identificar dois papéis distintos e complementares associados à ferramenta: coadjuvante e protagonista da formação contemporânea dos saberes. No papel de coadjuvante, pode-se inferir que o mecanismo de busca é reflexo das mesmas forças de poder que impactam a produção do saber. Portanto, seus resultados acabam por corroborar com a promoção daqueles conhecimentos que estão mais presentes e entrelaçados no tecido social. Como protagonista, retira-se o caráter neutro da ferramenta e a compreende-se como mais um dos membros pertencentes à conjectura social. Suas especificidades passam a ser parte constituinte do jogo de poderes e têm um aspecto determinante no acesso às informações e na produção de conhecimento.

É na conjunção entre a extensa mediação do fluxo virtual e essa postura ativa do Google que consegue-se ter uma noção da dimensão do seu papel epistemológico. A ferramenta se localiza numa esfera macro, atuando acima das

disputas diretas entre teorias e conhecimentos concorrentes. Pela definição dos tipos de conteúdo que hierarquicamente são mais relevantes, o Google é capaz não só de validar determinadas correntes de pensamento, mas também de construir conceitos a respeito dos moldes de conhecimento que possuem valor e que, dessa forma, devem ser produzidos.

2.3. Objetividade aparente dos resultados

Embora seja difícil dissociar os resultados gerados pelo Google das qualidades de transitoriedade e volatilidade, é nesse aspecto que se dá uma das maiores contradições associadas ao mecanismo de busca. Todo o processo que transcorre durante seu funcionamento é invisível para aqueles que estão buscando as informações. Não nos é perceptível a dimensão conjectural atrelada ao funcionamento da ferramenta e, por isso, os resultados oferecidos ganham um valor de verdade absoluta, suprimindo a enorme subjetividade envolvida em sua gênese. Atualmente, não é raro escutar frases que busquem atrelar validade a um conhecimento pelo fato dele estar presente nas páginas com melhor posicionamento e, portanto, relevância no Google.

A apreensão dos indivíduos comumente se distancia do fato de que um resultado do Google nada mais é que uma seleção baseada em uma imensidão de critérios subjetivos e particulares de relevância, associados a um conjunto de palavras-chave que, em sua essência, já são uma tradução singular da nossa linguagem natural. São resultados fortemente vinculados aos conhecimentos que alcançam maior difusão e, dessa forma, tornam-se indissociáveis do contexto social e do momento em que estão sendo vivenciados.

O caráter altamente tecnológico da ferramenta dá aos usuários uma sensação de que existe uma cientificidade estritamente objetiva permeando a delimitação do espaço informacional ao qual o usuário terá acesso. Os elementos matemáticos e as operações computacionais envolvidas na geração dos resultados denotam um valor absoluto típico do pensamento tecnicista a que se está sujeito, em que a capacidade humana é desvalorizada e substituída pela fé nos poderes do cálculo técnico (POSTMAN, 1994, p. 124). Cria-se em nosso imaginário a noção de que o

grau computacional do mecanismo de busca é um indicativo direto da qualidade e confiabilidade de seus resultados.

Como sociedade, se está retrocedendo ao momento em que os saberes universais preponderavam. Com um agravante de que o Google consegue estender essa percepção inclusive àqueles saberes ditos não científicos em outras épocas. Da física teórica à música, são postuladas objetividades inexistentes, validadas por uma hierarquia de relevância particular e subjetiva.